

MEMÓRIA CAMPINEIRA (52)

A MORTE DE LEOPOLDO AMARAL NOTICIADA PELO "O ESTADO DE S. PAULO" (dia 2 de junho de 1939)

No cemitério da Saudade, em Campinas, realizou-se ontem (dia 30 de maio) o enterro de Leopoldo Amaral, o nosso velho companheiro de trabalho, cujo trespasse foi publicado por esta folha em notícia apressada, de última hora, em nossa anterior edição.

Ligado a este jornal desde o tempo da Monarquia, quando ele ainda se chamava "A Província de S. Paulo", a sua morte repercutiu dolorosamente nesta casa, onde o velho jornalista contava em cada redator com um amigo e um admirador.

Tendo sido nosso correspondente em Campinas, desde 1886, foi Leopoldo Amaral, no "Estado", até há pouco tempo, o fiel narrador e comentador dos fatos da vida campineira e mesmo, mais tarde, quando a sua avançada idade e estado de saúde a obrigaram a abandonar a atividade jornalística, de tempos a tempos, continuou a deleitar os seus inúmeros leitores com os seus interessantes artigos sobre a história da velha cidade paulista.

Dedicando um entranhado amor à sua terra natal, nas suas apreciadas correspondências, sempre vasadas em estilo fluente, sempre cheias de vida e colorido, foi fixando, ano após ano, nas colunas desta folha, reservadas às notícias do interior, os acontecimentos mais importantes ali ocorridos. Investigador paciente dos arquivos, testemunha ocular de muitos episódios históricos da vida campineira, íntimo de ilustres varões que tanto elevaram o nome do burgo tradicional de Barreto Leme, de quem descendia em linha direta, era Leopoldo Amaral, de há muito, o maior conhecedor dos fastos de Campinas.

Era filho do antigo lavrador Antônio Francisco do Amaral Gurgel, que foi pessoa influente naquela cidade, tendo ocupado a presidência da Câmara Municipal de 1853 a 1858, e de d. Maria Isabel de Melo. Nascido em 20 de dezembro de 1856, desde cedo demonstrou a sua propensão para

as letras, havendo entrado, ainda bem moço, para a redução da "Gazeta de Campinas", naquela época dirigida pelo luminoso espírito de Carlos Ferreira.

Encarregando-se do noticiário, introduziu na imprensa campineira a reportagem, que era então uma novidade só conhecida dos grandes jornais de São Paulo e Rio de Janeiro. Naquele tempo, formavam na imprensa de Campinas vultos da estatura de Campos Sales, Francisco Glicério, Júlio Mesquita, Júlio Ribeiro, Henrique de Barcelos, Alberto Sarmiento, Hipólito da Silva, Sampaio Ferraz, João Vieira de Almeida, Aprígio Cesarino e outros.

Dando, então, largas ao seu espírito idealista, tomou parte ativa na campanha da abolição e na propaganda republicana, ao lado de ilustres campineiros.

Embora se tivesse dedicado durante algum tempo ao comércio, como sócio da firma Martins, Leopoldo & Cia., em verdade nunca se afastou da imprensa. Após a proclamação da República, foi nomeado secretário da Câmara Municipal de Campinas, cargo que exerceu com raro zelo e proficiência até 30 de setembro de 1915, quando se aposentou.

Dotado de um coração boníssimo e de um espírito ilustrado, não havia em Campinas quem não lhe dedicasse a mais profunda estima e, mesmo, veneração. O acendrado amor que dedicava à sua terra natal, traduzido em todos os atos de sua vida e mais claramente revelado nas suas inúmeras crônicas, em que nunca se cansava de exaltar-lhe a beleza, o progresso, as tradições magníficas, os seus grandes homens e os seus feitos, grangearam-lhe uma extraordinária e merecida popularidade, podendo-se afirmar que na atualidade ocupava o primeiro lugar na estima e consideração dos seus conterrâneos.

No fim de sua vida, havendo sofrido o rude golpe de perder a companheira, a sua idolatrada esposa, d. Alda Barbosa do Amaral, e tendo uma única filha residindo em Santos, tal era o amor que dedicava à sua Campinas, que preferiu Leopoldo Amaral viver sozinho, naquela cidade, longe dos seus, a respirar outro ar que não fosse o do seu berço natal.

Deixou o velho jornalista, além de **Campinas: recordações**, obra em que enfeixou episódios da história de Campinas, um sem número de artigos e crônicas publicadas nesta folha e em jornais campineiros. Foi fundador e diretor de quase todas as casas de caridade de Campinas, assim como sócio honorário da maioria das associações recreativas e culturais daquela cidade. Exerceu por muitos anos o cargo de secretário da mesa administrativa de Santa Casa de Misericórdia local, tendo sido, quando obrigado a abandonar a sua atividade por motivo de saúde, agraciado com o título de secretário perpétuo daquela instituição.